

FATOS & VOZES - 2ª TEMPORADA

SÉRIE 'CONQUISTA DE QUILOMBOS'

EPISÓDIO 02 - NENHUM QUILOMBO A MENOS

[TRILHA - MÚSICA 'CANTO I']

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Existe uma ideia ainda presente no imaginário nacional segundo a qual quilombo é algo do passado que teria desaparecido do país junto com o sistema escravocrata, em maio de 1888, com a instituição da Lei Áurea. Eu não sei você, mas pelo menos era essa a impressão que os livros didáticos de História me passavam na minha época do ensino fundamental. Inclusive, talvez tenha sido até chocante pra muita gente Brasil a fora o fato do Censo 2022 ter identificado mais de um milhão e trezentas mil pessoas vivendo em quilombos rurais ou urbanos. Afinal, foi a primeira vez na história que o IBGE fez a contagem oficial dessa população, que pôde se autodeclarar na pesquisa.

[ILUSTRAÇÃO - ÁUDIO G1]

Existem quilombolas em todas as regiões do país e em quase todos os estados, exceto em Roraima e no Acre. Mas o Nordeste é a região com maior concentração. Pra se ter uma ideia, se a gente somar Bahia e Maranhão, os dois estados sozinhos têm 50% dos quilombolas do país. E das 10 cidades com a maior população absoluta de quilombolas, 5 estão na Bahia.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Agora, levando em conta o que você ouviu no primeiro episódio desta série, imagine então como pode ter sido surpreendente para o... “cidadão de bem” de Vitória da Conquista saber que o município é uma dessas 5 cidades. Nada que um olhar crítico e atento sobre o passado não possa nos explicar. Mais uma vez.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Além da demora para serem reconhecidas pelo Poder Público, muitas comunidades quilombolas permaneceram isoladas durante boa parte do século passado. Isso sem contar os quinhentos longos anos de exclusão durante os quais essa população viveu completamente à margem da sociedade, desprovida de quaisquer direitos sociais. Essa realidade só começa a mudar com a Constituição de 1988, que representou um marco para as políticas públicas relacionadas à cidadania e aos

direitos étnico-raciais e territoriais dos brasileiros e brasileiras afrodescendentes. E isso, claro, graças à luta histórica do movimento negro e quilombola do país.

[ILUSTRAÇÃO - DOCUMENTÁRIO DA MARCHA ZUMBI DOS PALMARES]

Hoje é dia de negro... Queremos escola, queremos emprego. Palmares, Zumbi, assim eu resisti! Palmares, Zumbi, assim eu resisti! [Som de tambor]

[LOCUÇÃO - KARINA]

É no final do século 20 que se intensificam as manifestações em prol das pautas raciais a ponto delas se tornarem um problema político para o qual o governo não poderia mais simplesmente tapar os olhos. O movimento quilombola, especificamente, começa a ganhar projeção em novembro de 1995, quando é realizado o 1º Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas, com o tema “Terra, Produção e Cidadania para Quilombolas”. É nesse mesmo ano, um dia depois, pra ser mais exato, que acontece a Marcha Zumbi dos Palmares na Praça dos Três Poderes, em Brasília, em pleno Dia Nacional da Consciência Negra.

[ILUSTRAÇÃO - DOCUMENTÁRIO DA MARCHA ZUMBI DOS PALMARES]

O 20 de novembro de 1995 foi mais especial ainda. Fazia 300 anos da morte de Zumbi. O movimento negro decidiu comemorar com uma grande marcha em Brasília para mostrar o tamanho da indignação dos negros contra o mito da democracia racial no Brasil. Todas as denúncias já foram feitas. Era o momento de exigir ações concretas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Esse áudio que você está ouvindo é de um documentário produzido pela organização da Marcha, que reuniu cerca de 30 mil pessoas no principal espaço de concentração de poder do país. O filme está disponível no YouTube e você também vai encontrar na página deste episódio no site do Conquista Repórter.

[ILUSTRAÇÃO - DOCUMENTÁRIO DA MARCHA ZUMBI DOS PALMARES]

E a gente não vai esquecer, ninguém vai esquecer: o 20 de novembro de 1995.

Mulher: Eu esperava que um dia vivesse o suficiente pra ver Brasília ocupada por nós. **Narrador:** 30 mil pessoas na Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela cidadania e a vida. **Homem:** Eu acho que representa a coisa mais importante que está acontecendo hoje no país: o reconhecimento de que o grande herói brasileiro, o maior deles, é Zumbi de Palmares; a denúncia de que a comunidade negra não quer ser excluída e também não quer excluir. Quer ter o direito ao

trabalho, à igualdade, o direito à alegria. E essa junção aqui dos vários movimentos da sociedade civil mostra porque que o povo tá gritando.

[LOCUÇÃO - KARINA]

A Marcha Zumbi dos Palmares foi um momento histórico no qual o povo negro do Brasil, sobretudo os quilombolas, mostraram sua força ao Poder Público e exigiram que suas demandas fossem atendidas, em especial a regularização fundiária de quilombos. E os resultados dessa mobilização, ainda que não atendessem plenamente a todas as reivindicações do movimento, não demorariam muito a chegar.

[ILUSTRAÇÃO - DOCUMENTÁRIO DA MARCHA ZUMBI DOS PALMARES]

O negro também quer poder. O quê? O negro também quer poder. A Marcha não pode parar. Avança, para o trânsito! Reaja! Reaja! Reaja à violência racial! Palmares! Zumbi! Assim, eu resisti! Zumbi vive! Racismo não! Zumbi vive! Racismo não!

[LOCUÇÃO - AFONSO]

É nesse contexto de intensa mobilização social que marcou o Brasil no final do século 20 que a questão quilombola finalmente entra em pauta no debate nacional. A política de regularização fundiária dos quilombos, aliás, já era uma agenda prioritária do movimento, tanto que na Constituição de 88, é essa a temática que quebra o silêncio de 100 anos em torno desse segmento da nossa sociedade, desde o advento da Lei Áurea, que praticamente excluiu a palavra quilombo das políticas e leis de estado. No artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, a Lei Máxima do país consagra aos remanescentes de quilombos o direito à propriedade de suas terras e, ao mesmo tempo, estabelece o dever do Poder Público de atuar ativamente em favor desse reconhecimento. Assim diz o texto, aqui narrado na voz da repórter Victória Lôbo.

[ILUSTRAÇÃO - GRAVAÇÃO DE TRECHO DA CONSTITUIÇÃO]

Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Também foi garantido aos quilombos, na Constituição de 88, o direito à manutenção e preservação de sua cultura, por meio dos artigos 215 e 216. Enquanto um determina que o Estado proteja as manifestações culturais afro-brasileiras, o outro

as considera verdadeiros bens de natureza material e imaterial. Afinal, para os quilombolas, território e identidade étnico-cultural estão intimamente relacionados enquanto um estilo de vida e uma forma de ver e sentir o mundo.

[LOCUÇÃO - KARINA]

O reconhecimento legal dos direitos constitucionais da população quilombola gerou algumas proposições legislativas importantes nos âmbitos federal e estadual entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000. Isso incluiu a edição de normas como a Portaria nº 307, publicada pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária, o INCRA, em 22 de novembro de 1995. Mas apesar de determinar que se efetuassem a titulação de terras quilombolas, não era especificado, de maneira detalhada, o procedimento a ser adotado para a realização desse processo.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

É só a partir do primeiro ano do governo Lula, em 2003, que se estabelece uma legislação um pouco mais robusta em prol dos direitos dos quilombos do país. E isso fica evidente, ainda naquele ano, com a criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a Seppir, e logo depois, em 2004, com o lançamento do Programa Brasil Quilombola, um marco na defesa e garantia dos direitos dessa população no país. Ele nada mais é do que uma política de Estado para as áreas remanescentes de quilombos que abrange ações intersetoriais nas quais estão envolvidos diversos órgãos do governo, com suas respectivas previsões orçamentárias, claro. O objetivo? Promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social dos quilombolas na sociedade a partir de quatro eixos: regularização fundiária, infraestrutura e serviços, desenvolvimento econômico, controle e participação social.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Em março de 2023, com o retorno de Lula ao poder após as acirradas eleições de 2022, o programa foi relançado e ganhou até um novo nome: Aquilomba Brasil. Entretanto, a notícia muito pouco repercutiu na mídia nacional. Aqui você ouve o trecho de uma matéria sobre o lançamento publicada no site do Ministério da Igualdade Racial.

[ILUSTRAÇÃO - GRAVAÇÃO DE TRECHO DE MATÉRIA]

O programa Aquilomba Brasil é uma das sete medidas do pacote pela igualdade racial anunciado pela Ministra Anielle Franco e pelo presidente Lula no evento que celebrou os 20 anos da criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a Seppir, em 2003. É uma ampliação do Programa Brasil Quilombola e passa a ser orientado por novos objetivos e uma estratégia ampliada

de acesso aos direitos, compreendendo, por exemplo, a titulação como parte do acesso à terra e a garantia de permanência de quilombolas no ensino superior.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Mas tão importante quanto o Programa Brasil Quilombola e tudo o que veio depois disso foi o decreto de nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Ele também completou 20 anos em 2023 e foi responsável por regulamentar o procedimento para identificação, reconhecimento, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes de quilombos no Brasil. Foi um documento construído por várias mãos e com a participação ativa da sociedade civil organizada, sobretudo do movimento quilombola, que sempre teve a regularização fundiária como uma de suas pautas prioritárias. E pra você ter uma ideia do quanto esse decreto incomodou as forças conservadoras do país, basta eu te contar que, um ano depois da sua publicação, ele teve sua constitucionalidade contestada pelo então chamado Democratas, que é o atual União Brasil, mesmo partido da prefeita Sheila Lemos, vale lembrar. A sigla entrou com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade - uma ADI -, contra o decreto 4887.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

O processo ficou um bom tempo parado até chegar na mesa do Supremo Tribunal Federal, o STF, em 2012. Daí em diante, foram anos de intensa mobilização do movimento quilombola, o que resultou, inclusive, numa campanha de repercussão nacional a favor do decreto, intitulada “Nenhum Quilombo a Menos”. E essa campanha ganhava mais adesão a cada vez que a votação da ADI entrava em pauta no Supremo.

[ILUSTRAÇÃO - CAMPANHA CONAQ]

Dia 16 de agosto pode ser o dia do juízo final pra causa quilombola. O futuro de milhares de brasileiros descendentes de africanos escravizados será decidido pelo Supremo Tribunal Federal, e os quilombos já titulados podem ser anulados. Essa iniciativa partiu de apenas um partido político, chamado ironicamente “Democratas”. Eles entraram com uma ação no STF pedindo a anulação do decreto 4887, de 2003, que regulamenta a titulação de terras quilombolas. Foram 115 anos entre a abolição da escravatura e a titulação do primeiro quilombo. Ou seja, mais de um século até que o Brasil reconhecesse sua dívida com a escravidão. Hoje, 75% dos quilombolas vivem em situação de extrema pobreza. No dia 16 de agosto, nós precisamos que seis ministros do Supremo Tribunal Federal votem a favor dos direitos dos quilombolas. A causa é justa e as comunidades quilombolas ainda protegem as nossas florestas. Assine essa petição e junte-se a nós. Neste momento em que nossos direitos estão sendo negociados, nós precisamos nos unir. Um por todos e todos por um.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Esse áudio que você acabou de ouvir é de um dos vídeos produzidos durante a campanha “Nenhum Quilombo a Menos” pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, a CONAQ, entidade que representa os milhares de quilombos rurais e urbanos espalhados pelo país. O material foi veiculado em 2017, época em que a ação contra o decreto 4887 estava prestes a ser votada. Mas a votação acabou sendo adiada. E aí foi só em 2018 que todos esses anos de tensão e insegurança jurídica chegaram ao fim, após o STF decidir por maioria pela improcedência da ação movida pelo Democratas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E aqui vale destacar que isso é só um exemplo que demonstra bem por que a regularização fundiária, mesmo sendo um direito garantido aos quilombolas na Constituição, ainda hoje, é tão difícil de ser efetivamente implementada no país. E os dados estão aí para comprovar.

[ILUSTRAÇÃO - REPORTAGEM JORNAL DA NOITE - BAND]

O IBGE descobriu que é grande a quantidade de quilombos invisíveis para o Poder Público. Isso porque falta o reconhecimento dos territórios das comunidades. A Bahia, por exemplo, tem a maior população quilombola do país: quase 400 mil pessoas. Só que 95% delas vivem em localidades não reconhecidas oficialmente.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Apesar da crítica pertinente na reportagem com relação à necessidade de demarcação das terras quilombolas do país, não dá pra dizer, necessariamente, que os quilombos, em sua maioria, estão invisíveis para o Poder Público. Talvez seja mais correto dizer que eles são ignorados. Afinal, uma vez que as comunidades têm sua existência reconhecida através de uma certificação junto à Fundação Palmares, que é o primeiro passo do processo de titulação de terras previsto no decreto 4887, os governos sabem sim que elas existem e precisam ter suas necessidades atendidas.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E é por isso que mesmo com os poucos avanços acerca da regularização fundiária de quilombos no Brasil, todo o arcabouço legal criado para essa população nos anos 2000 representou um verdadeiro divisor de águas em um processo tão importante para o povo quilombola quanto o acesso à terra: o direito ao reconhecimento de sua identidade. E é sobre isso que vamos falar daqui pra frente.

[TRILHA - VINHETA DE ABERTURA]

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

Karina: Meu nome é Karina Costa e este é o Fatos & Vozes, um podcast original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista.

Afonso Ribas: Eu sou Afonso Ribas e você está ouvindo a série “Conquista de Quilombos”, produzida com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas - ICFJ, na sigla em inglês, da Meta e da Associação de Jornalismo Digital - Ajor. Episódio 02: Nenhum quilombo a menos.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Ao ser sancionado, em novembro de 2003, o decreto 4887 trouxe consigo uma mudança importante na forma como os quilombos passaram a ser identificados e certificados pela Fundação Palmares. A partir daquele momento, não seria mais um antropólogo ou algum pesquisador ligado ao órgão que iria determinar se uma comunidade era ou não remanescente, como acontecia até então. Dali em diante, esse poder pertenceria à própria comunidade.

[ENTREVISTA - MARINALDO - ÁUDIO 01]

Então, ali surgiu o autorreconhecimento. Antes do... de 2003, pra uma comunidade poder ser reconhecida tinha que ter é... um Quilombo pedir junto à Palmares uma visita técnica com antropólogo. E quando o antropólogo chegava na comunidade ele fazia... passava três, quatro dias ali dentro de um quilombo, da comunidade. Só que no final do processo ele... eles que diziam se era quilombo ou num, né? Era o antropólogo que tinha essa autonomia de dizer que era quilombo. E o decreto não... que se... o decreto, o decreto é autorreconhecimento como quilombo.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Essa voz é do engenheiro agrônomo Marinaldo Carvalho, morador do quilombo do Velame, em Vitória da Conquista, e um dos personagens centrais da história que resultou nas mais de 30 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares no município, entre os anos de 2004 e 2012. Ele é natural do recôncavo baiano. Cresceu em um quilombo urbano de Mata do São João, na região metropolitana de Salvador. Veio para Conquista na década de 1990, inicialmente a passeio, mas acabou permanecendo na cidade após ser aprovado no curso de Agronomia da UESB. Desde então, fincou raízes por aqui, principalmente depois de se casar com sua atual esposa, com quem tem um filho de seis anos. Foi no Velame que Marinaldo a conheceu. A comunidade, inclusive, foi a primeira a ser certificada como quilombo na região Sudoeste da Bahia, ao lado do Boqueirão, de acordo com

o próprio engenheiro, que atualmente trabalha no Núcleo de Povos e Comunidades Tradicionais da Coordenação Estadual de Desenvolvimento Agrário.

[ENTREVISTA - MARINALDO - ÁUDIO 01]

O decreto saiu em 2003, e em 2004 nós já tava certificado como Quilombo. Então, isso acabou trazendo outras comunidades, né? Então, hoje eu resido hoje no Velame, né? Fazendo um trabalho de... de fortalecimento da comunidade, né? Pros projetos, né? E como na época só tinha dois quilombos, então eu só atendia Velame e Boqueirão, né? Então cê tinha essas, essas duas comunidades pra atender. Então, ficava fácil. Uma hora tava no Boqueirão, outra hora tava no... no Velame, então, ficava muito fácil, né. E naquela época eu também fui contratado pela Prefeitura, né, pra trabalhar junto ao gabinete do prefeito José Raimundo justamente pra poder uma atenção especial... E foi a partir daqui que criou um grupo intersetorial para quilombos municipal.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

É esse grupo intersetorial citado por Marinaldo que dá o pontapé inicial nos trabalhos de certificação quilombola em Conquista. E isso acontece logo depois da gestão municipal aderir ao programa Brasil Quilombola, então recém-lançado.

[ENTREVISTA - AFONSO SILVESTRE]

Esse processo foi assumido é... pela Secretaria de Governo, na ocasião, Secretaria Municipal. E a Secretaria ela fez parcerias com outras secretarias. Era um início ali de... de uma tentativa de interseccionalizar, né, as ações. Então nós tivemos colaborações principalmente da agricultura, da educação, da saúde também, e fomos pra campo, né, fazer essa busca ativa e... e ver, tentar identificar quais comunidades tinham essa, essa identificação, essa... se sentiam assim.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Essa outra voz, você deve se lembrar do primeiro episódio, é do historiador e servidor público Afonso Silvestre, que também esteve diretamente envolvido nos processos de certificação quilombola em Conquista, assim como Marinaldo.

[ENTREVISTA - MARINALDO - ÁUDIO 01]

Aí nois começou a mapear. A primeira coisa foi mapear essas comunidade. Mapeando essas comunidade e fazendo as assembleias com essas comunidade pra ver se eles se identificavam como quilombo, né? Num sabia qual era a finalidade... Muitos dizia “ah, ser quilombola é voltar a escravidão, né”? Diz que num

queria, resistia, né... E... e ao longo do tempo ela foi tendo consciência, né? Do que é ser QUILOMBOLA, né? Das políticas públicas, né...

[LOCUÇÃO - KARINA]

Afonso Silvestre complementa que um dos principais desafios que a equipe encontrou durante esse processo foi justamente o autopreconceito existente em torno da ascendência negra e quilombola entre moradores de algumas das comunidades mapeadas.

[ENTREVISTA - AFONSO SILVESTRE]

Silvestre: As pessoas elas... elas não se sentiam à vontade, se afirmando eh né, Quilombolas. **Afonso:** não se sentiam à vontade? Isso é... ficava evidente de que forma assim, você poderia me dar um exemplo? **Silvestre:** Eu vou dar um exemplo bem concreto assim é... Numa comunidade, nós fizemos é... o primeiro momento foi eles resistirem, e aí uma pessoa disse: “é... a gente não quer ser esse negócio de carambola, porque isso é coisa de preto e de pobre, a gente não quer ser pobre”.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E sabe quem nos contou uma história parecida sobre essa confusão nominal entre as palavras quilombola e carambola? O Seu Jovelino, do quilombo do Boqueirão.

[ENTREVISTA - JOVELINO]

Aqui teve uma mulher que tem gravado até hoje. Quando surgiu issaí ela num sabia nem falar o quilombola, ela falava “carambola”. [Fortes risadas]

[LOCUÇÃO - KARINA]

Nós só não conseguimos verificar se essa mulher é a mesma pessoa sobre a qual o Silvestre falou.

[ENTREVISTA - JOVELINO]

Afonso: E hoje... **Jovelino:** Hoje é quilombola. **Afonso:** Para o senhor o que que significa ser quilombola? **Jovelino:** Pra mim foi, pra mim foi uma... é muito bom, muito importante pra mim. Através da gente ser negro, eu tenho orgulho. Porque quem dá valor na gente é a gente mermo, né?

[LOCUÇÃO - KARINA]

Orgulho. Esse é um sentimento que, segundo Afonso Silvestre, foi sendo construído ao longo dos processos de certificação de quilombos conquistenses. O autorreconhecimento, portanto, não aconteceu de uma hora pra outra. Antes, era preciso superar os preconceitos que os próprios quilombolas tinham tomado para si diante do genocídio do qual seus antepassados foram vítimas e do racismo estrutural presente em nossa sociedade.

[ENTREVISTA - AFONSO SILVESTRE]

Essas pessoas elas sempre foram excluídas, né, da memória da cidade, da história da cidade ao longo dos... dos anos, das décadas, né, e até dos séculos, porque tem comunidades que está... que estão aqui há 200 anos. Mas elas foram se sentindo, né, e sendo de fato alijadas. Então chega num momento que elas não sentem é... se sentem pertencentes, né, à cidade. É preciso que o poder público faça algo, né, dar algum movimento pra dar a elas esse... esse sentimento, né?

[LOCUÇÃO - KARINA]

E aí, diante de um desafio desse...

[ENTREVISTA - AFONSO SILVESTRE]

Diante de um desafio desse, a melhor coisa a fazer é pensar como vai enfrentar, né? **Silvestre:** E nós decidimos é... por realizar rodas de conversa com a população. E essas rodas de conversa elas foram se aperfeiçoando, e se tornaram grandes oficinas, né? Oficina de identidade, de autorreconhecimento, um... é... nós tivemos muitos parceiros voluntários é... Eu gostaria até de de citar nominalmente, a psicóloga Monalisa Cirino, ela desenvolveu é... foi na Comunidade das Barrocas, uma metodologia pra uma dinâmica, em que as pessoas sobre um... uma superfície, elas trazem objetos de casa ou da rua, e vão construindo a história da comunidade ali em cima daquela mesa, né? E contando a história: "Aqui passava uma estrada". Aí eles desenham ali uma estrada, aí eles se lembram que a dona Fulana colocou uma barraquinha pra vender cachaça pros... pras pessoas que estavam trabalhando na construção da estrada. E isso vai dando a eles um... um sentimento de... de empoderamento, né, sobre a própria história. Eles vão se vendo aqui ali em cima da mesa, se organizando, como diria Foucault: "eles têm uma visão axiológica de si mesmos", né? E aí, à medida que as comunidades iam sendo reconhecidas, as outras iam se interessando, né? Então, foi aos poucos. Cada comunidade era um... era um grande trabalho, assim... muita conversa. Algumas comunidades [com] mais facilidade, outras com menos facilidade. Mas a gente conseguiu é... foram 42 identificadas, das 42 nós certificamos... 32 comunidades...

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Aqui vale destacar que, apesar desse trabalho ter sido encabeçado por agentes públicos de Vitória da Conquista, durante os anos 2000, qualquer pessoa, segundo Silvestre, pode requerer a certificação de uma comunidade quilombola junto à Fundação Palmares. Basta seguir o procedimento legal previsto no decreto 4887. O autorreconhecimento, seja ele fruto de uma sensibilização ou não, é apenas o primeiro passo - e o mais importante, claro - de todo o processo, até porque...

[ENTREVISTA - AFONSO SILVESTRE]

A pessoa pra ser quilombola ela precisa se auto reconhecer, né? Ela precisa ter essa memória, ela tem que se identificar, essa relação familiar com a terra, com a ancestralidade, tudo isso conta.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Uma vez que a comunidade se enxerga enquanto quilombola, assumindo isso como uma identidade política, sobretudo, o resto do processo tem um caráter um pouco mais burocrático, como explica o engenheiro agrônomo Marinaldo Carvalho ao citar os documentos exigidos pela Fundação Palmares. Minha conversa com ele foi em pleno Centro de Vitória da Conquista, então, se até agora você não tinha entendido o porquê dos ruídos ao fundo, esse é o motivo. Mas indo ao que interessa...

[ENTREVISTA - MARINALDO]

A primeira etapa é uma ata... é uma assembleia com toda a comunidade, eles se autodefinindo como quilombo. É uma ata. E é uma ata de aceitação. Depois dessa da ata de aceitação, aí você vai fazer a parte histórica. Você entrevista as cinco pessoas mais idosas da comunidade, pra poder relatar da onde veio, qual é a origem, veio de onde, o que veio fazer na comunidade, entende? Como era a... a vida de vocês na época, como era a casa, se tinha energia, todo aquele processo, né, que a comunidade passa, né? A questão das ervas medicinais, se tinha médico se num tinha, toda aquela parte que a gente precisa compreender, que aquele povo chegou naquela... naquela localidade, e tomou posse daquele local, né. “Ah, nois chegou aqui isso aqui era mata fechada, num tinha nada, só tinha bicho, nois saiu desmatano”. Entendeu? “ – “Aí você veio de onde?” – Ah eu vim chapada”, né? E a gente começa a construir, essa... essa, assim, ações **Afonso**: Uma espécie de linha do tempo, né? **Marinaldo**: Isso, exatamente, do tempo com essas ações cronológicas do tempo deles, né, pra saber... até o mundo de hoje né?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Calma que tem mais...

[ENTREVISTA - MARINALDO]

Feito isso, aí você vai fazer o registro fotográfico, né, que chama Relatório Fotográfico, que é os saberes, os utensílios domésticos da época, né, que eles fazia, que tinha. Muitos num tem mais né que já acabou, mas muitos tinha... pilão, casa de farinha antiga, aparelho de... de barro, que eles usavam muito, né. Aí vai fotografando, e fazer um relatório fotográfico... Depois de mandar o relatório fotográfico, tinha a ata e o histórico, né? E o requerimento pedindo a... a certificação. Encaminhava pra Palmares. Se tesse tudo OK, ela entendesse aquele, aquele histórico que tá tudo né? Tá batendo, aí sai no Diário Oficial da União, né? Aí com trinta dias, depois de sair no Oficial ela manda a certidão pra comunidade.

Afonso: E Marinaldo, o que você entende enquanto quilombo, o que que quilombo significa pra você? Enquanto um quilombola inclusive. **Marinaldo:** Isso. Enquanto quilombola, liberdade, né? O Zumbi dos Palmares ele lutou pela liberdade dos negros, e as comunidade quilombolas se sente, da mesma forma né? Ter a liberdade de se expressar, ter a liberdade de falar, ter a liberdade de ir e voltar pra sua comunidade. A questão da organização isso é muito importante. O quilombo já traz isso, né? De tradição, a questão da organização, a questão da cultura, A questão da aspecto agrícola, o jeito de pegar na enxada, o jeito de pegar na pá, o jeito de plantar, né? Como eu sempre falo, sou agrônomo, mas eu aprendi muito com meu pai, porque meu pai era especialista na... na área agrícola, né? Então os Quilombo é a mesma coisa né? Então os mais velhos, eles sabe lidar muito bem com a... com a terra, né? Isso é uma característica africana, dos utensílios doméstico, né? Então, pra gente quando vê um Quilombo nascer é justamente essa, né? Essa questão de... De liberdade mesmo, né?

[LOCUÇÃO - KARINA]

Durante nossas entrevistas com lideranças comunitárias dos quilombos que visitamos, uma coisa que sempre fazíamos era perguntar aos entrevistados o que eles lembravam da época em que sua comunidade foi reconhecida. Foi uma forma da gente entender a importância e o impacto que esse processo tinha gerado para os moradores dessas localidades. No quilombo do Oiteiro, quem compartilhou um pouco dessa história com a gente foi o agricultor Denício Gonçalves Santos, de quem talvez você se lembre do episódio passado. Ele coordena, atualmente, a associação que representa ao menos sete das comunidades que compõem o território de Lagoa de Maria Clemência, na zona rural de Conquista. E a história é interessante porque essa associação foi criada justamente para que os moradores dessas comunidades pudessem obter o reconhecimento enquanto quilombolas. Mas vou deixar o próprio Denício explicar.

[ENTREVISTA - DENÍCIO]

Eu vou começar a história falando da Lagoa de Clemência... A gente participava... só tinha uma associação de moradores na Lagoa de Maria Clemência, a qual fui eu um dos fundadores, lá eu fundei a associação. Fui o primeiro presidente, fui presidente provisório, depois passei para uma irmã minha, depois fui passando e... 1991 que a gente fundou essa associação lá. Quando foi em 2006 mais ou menos, chegou um pessoal aqui... é... querendo saber da história falando do reconhecimento. Só que a gente não sabia nem o que vinha a ser, o que é, e o que seria... ser quilombola, né, como que era pra ser quilombola, o que que era quilombola, na verdade, ninguém sabia. Só que meu irmão interessou. E ele participava, fazia parte da diretoria da Lagoa de Clemência.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Na época, Denício estava afastado da diretoria da associação. Mas ele acompanhava de perto o que o irmão fazia.

[ENTREVISTA - DENÍCIO]

Aí meu irmão lá na diretoria aí chamou a associação da Lagoa de Clemência para participar, entrar nesse processo... que vinha um pessoal que queria reconhecer. Eles recusaram. O presidente lá recusou. Não quis. Aí ia ter eleição naquela mesma época. E ele falou: “eu vou me candidatar a presidente, eu ganhando, eu vou reconhecer aqui como quilombola”. Aí ele candidatou. Perdeu. Acho que a maioria não quis. Perdeu por pouco, mas perdeu. Aí ele falou: “então, eu vou fundar uma associação lá na minha comunidade da onde eu moro”, porque nós é de lá, mas morava aqui no Oiteiro, né, logo aqui.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Caso você esteja meio perdido, eu explico. Oiteiro faz parte do território de Lagoa de Maria Clemência, assim como várias outras comunidades. Mas uma delas recebe esse mesmo nome: Lagoa de Maria Clemência, que é onde fica essa associação da qual o irmão do Denício acabou se desvinculando. Como o pessoal de Lagoa de Maria Clemência não queria, a princípio, obter a certificação como quilombo, ele decidiu então fundar outra associação para representar os moradores das comunidades do território que queriam esse reconhecimento.

[ENTREVISTA - DENÍCIO]

Aí ele convidou essas comunidades aqui e falou: “nós vamos fundar uma associação aqui, e a gente vão... vai vir uns historiadores, um pessoal aí, eles quer reconhecer a gente como quilombola”. E o que é quilombola? Ele não sabia nem explicar, né? Nós vamos, aí eu já comecei a entrar na diretoria, né. Aí nós marcamos a reunião e coisa e tal... a gente trouxe o pessoal da Uesb, trouxe Noecir

Salgado, na época. Eu não sei se você conhece, ele é um ex-vereador que tinha em Conquista, que ele fez parte dessa história. É... o prefeito Guilherme, veio um monte de gente pra casa dele, não tinha sede, debaixo de um pé de árvore. Aí a gente sentou... Eles falou, falou... E aí foi... a gente foi fazendo reunião e nesse processo... “Ah, vai reconhecer”. E a gente mandando documento pra lá e tal. Daí a pouco chegou a carta, reconhecendo... Reconhecido como quilombola, que... Veio pro Baixão e as outras comunidades, Lagoa de Clemência ficou de fora. Quando a Lagoa de Clemência ficou de fora, que a gente recebeu a carta que eles viu o andamento da associação... Mudou, diferente, e tal.. e viu como seria, veio conhecer um pouco da história... a realidade, eles resolveu entrar.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Hoje em dia, todas as comunidades que compõem o território são reconhecidas como quilombos. As diferenças, portanto, ficaram de lado. E uma coisa que não poderíamos deixar de perguntar ao Denício é como ele foi compreendendo o que é ser quilombola ao longo do processo de reconhecimento.

[ENTREVISTA - DENÍCIO]

A partir do dia em que eu participei de uma primeira reunião, eu já comecei entender pela história que eles contou, pelos... os dados que eles pediu dentro da comunidade. Aí eles pediu a gente pra acompanhar esse povo mais idosos... pra contar a história e aí eu fui, né, entendendo que o que vinha a ser quilombola. Tem muitas coisas, tem muitos... muitos conhecimentos, né... Às vezes a gente tinha coisa aqui de tanto valores que a gente nem preservava, que achava que não era de valores, e depois de... de a gente ser reconhecido como quilombola, a gente veio ver que... nós éramos felizes e não sabia, né. Por exemplo, aqui tinha tanta parteira dentro dessa comunidade nossa. Na época a maioria do pessoal que foi entrevistados aqui.. **Afonso:** Eram as parteiras? **Denilcio:** A maioria delas foram parteiras, acho que foi umas quatro parteiras.. parece.. que ajudou a gente nesse processo.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Para Denício, os reflexos do reconhecimento do Oiteiro enquanto quilombo continuam reverberando, dia após dia. Muito mais do que garantir o acesso a benefícios sociais para a comunidade, esse processo resultou no resgate e na valorização de suas tradições ancestrais, que em vez de serem esquecidas, hoje são preservadas e difundidas entre os moradores. A associação passou a realizar, inclusive, um festival cultural com essa finalidade. E depois de alguns anos sem o evento, devido à pandemia da covid-19, ele voltou a acontecer, em novembro de 2023. Quando conversamos com Denício, a data já estava até marcada.

[ENTREVISTA - DENÍCIO]

Aí a gente dentro desse... desse festival cultural mesmo, a gente traz muitas coisas. Faz exposição. Tem tanta gente aqui... artesanato na comunidade, agora mesmo a gente conseguiu umas barracas pra nesse dia a gente expor as mercadorias que o pessoal constrói aqui dentro da comunidade. Por exemplo, panela de barro. Muitos aqui ainda cozinham. A minha mãe mesmo não cozinha em outra panela, ela tem 95 anos, ela só cozinha, nem que ela bota pra ferver no caldeirão, mas depois ela tem que terminar de cozinhar na panela de barro. Aquele machucadozinho de tempero de madeira, gamela, panela, colher de pau, vassoura de... de... de.. palha. Essas coisas assim. A gente expor aí faz e põe pra mostrar, eles vendem, doa, faz vários tipos de coisa pro pessoal que vem conhecer o trabalho da gente.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Consciência, arte, valores e cidadania. Esse foi o tema do Festival Quilombola de Oiteiro de 2023. E acho que essas palavras expressam bem o significado que a certificação quilombola teve e continua a ter para quem vive nesse território.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Durante nossa apuração, também conhecemos a história de outra comunidade cujo processo de reconhecimento enquanto quilombo foi bem marcante. Quem nos contou sobre ele foi a Cida.

[ENTREVISTA - CIDA]

Meu nome é Maria Aparecida Souza Teixeira Pereira. Nasci aqui na comunidade, né, no quilombo de Lagoa dos Patos. Atualmente, eu estou como coordenadora da associação da comunidade, coordenadora também da... da igreja. Nós temos a igreja católica. E estou como tesoureira do Conselho do Sudoeste da Bahia, que é o Conselho que a gente costuma chamar de Conselho Quilombola.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Cida nos recebeu para uma entrevista em sua casa, que fica exatamente no centro de Lagoa dos Patos. Já era fim de tarde de um sábado quando chegamos na comunidade, localizada no distrito de José Gonçalves. Pra chegar lá, tivemos que atravessar uma estrada de chão estreita cercada por mato. Mas o centro da comunidade em si é quase um campo aberto, onde tem algumas casas que ficam a dezenas de metros umas das outras e ao redor da igreja, um bar e uma escola desativada. E logo ao lado da entrada que dá acesso ao centro, separada por uma cerca, fica a lagoa. Foi a própria Cida que nos deu as boas-vindas. Nós já tínhamos conhecido ela pessoalmente em uma reunião do Conselho Quilombola, que reúne

representantes de associações de remanescentes de quilombo de todo o Sudoeste Baiano.

[AMBIENTAÇÃO - ÁUDIO DE CHEGADA NA CASA DE CIDA]

Cida: Boa tarde! **Karina:** Boa tarde! **Cida:** Entra aí! **Karina:** Tudo bem? **Afonso:** Licença... **Cida:** Pode puxar pra lá. **Karina:** Pra cá? Ah, aqui. Parabéns, nota 2. [Risos]. **Cida:** Normal. **Karina:** Tudo bem. [Risos]. **Vic:** Oi, tudo bom? **Cida:** E aí? **Vic:** Victória...

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Depois de uma pequena dificuldade pra passar pelo portão da casa da Cida, o que nos rendeu algumas risadas, adentramos a sala. Naquele mesmo dia, já tínhamos ido em dois quilombos: o Boqueirão e o Sinzoca.

[AMBIENTAÇÃO - ÁUDIO DE CHEGADA NA CASA DE CIDA]

Afonso: Tudo bem, Cida? **Cida:** Tá bonzinho? **Afonso:** Tudo bem e você? **Cida:** E aí como foi a viagem hoje já? **Afonso:** Foi intensa, mas muito gratificante. **Karina:** Mas foi boa, produtiva também. **Cida:** Que bom...

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Cida, que é enfermeira por formação, usa um vestido longo e estampado de cor azul escura. Tem o cabelo preso e um riso fácil e contagiante. Sentamos no sofá de sua sala com a janela entreaberta para uma entrevista que duraria quase uma hora e meia. E quando a conversa dura tanto assim, é sinal de que tem muito assunto a ser explorado, tanto que você ainda vai ouvi-la em outro episódio. Mas por ora, vamos começar pelo começo.

[ENTREVISTA - CIDA]

Você falou que a gente precisava falar um pouquinho da história da comunidade, né? **Afonso:** Sim, sim, sim. **Cida:** Então... O que eu sei da história foi pelas pessoas que foram pesquisadas pela Fundação Palmares, que foi uma senhora que ela já... a maioria... todos que foram entrevistados pra gente conseguir o autorreconhecimento já faleceram, que foi dona Floriza, dona Alice, é... Seu Quelé e dona Rosa. Elas todas já faleceram, que todos era... que tem netos, filhos, sobrinhos. Todo mundo aqui é parente um do outro. Não tem ninguém que não seja parente novo. Dento a comunidade... Então... Madrinha Lóra mesmo ela que era mais assim ativa na comunidade, todos ou chamava de Madrinha Lóra ou de tia Flora, e ela contava que o que trouxe eles pra aqui pra comunidade, eles vieram da Laje do Gavião. A família dela foi a família que instituiu o quilombo, né? Eles vieram

da Laje do Gavião, trabalhava em fazendas lá, e aqui também em fazendas, trabalhavam lavando roupa pras mulheres que tinha situação financeira melhor, as mulheres dos fazendeiros, e eles começaram a trabalhar por contra própria fazendo panelas, trabalhando na agricultura, aí foi quando ela chegou, tinha a lagoa, tinha patos... [risadas gerais] Que hoje não tem mais, né? Por culpa do homem mesmo. E aí ela conta essa realidade deles que era muito sofrida na época que eles viviam aqui em Lagoa dos Patos. Ela, por exemplo, ela que fazia panelas, minha sogra é filha dela, aí ela conta que elas faziam as panelas, queimavam no forno a lenha, e levavam pra vender.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Atualmente, segunda Cida, essa é uma prática que acabou deixando de existir na comunidade, mas foi uma das tradições que ajudou a evidenciar o vínculo de Lagoa dos Patos com a cultura afrodescendente e quilombola durante o processo de certificação, que foi concluído em 2006.

[ENTREVISTA - CIDA]

Afonso: E me conta um pouco sobre como foi esse processo, Cida? E a recepção da comunidade, né? Pra ter esse reconhecimento, é... já havia uma identificação, uma alta identificação enquanto quilombolas ou isso veio também a partir dessa provocação mesmo e dessa pesquisa? **Cida:** Veio a partir dessa provocação da pesquisa, que foi através de Marinaldo. Tínhamos aqui uma missionária que era a dona Ilza, Ilza Meira Rosa. Ela fez esse trabalho dentro da comunidade porque ela já conhecia. Então aqui ninguém nem sabia, na realidade, né, o que era ser quilombola. Eles identificaram através da pesquisa. É uma comunidade quilombola, assim como Sinzoca, Boqueirão...

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Porém...

[ENTREVISTA - CIDA]

Ninguém se autoconhecia como quilombola.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

De novo se observa aqui um aspecto similar ao que ocorreu durante o processo de reconhecimento em outras comunidades: o desconhecimento do que significa ser quilombola. E tem também o autopreconceito sobre o qual falou mais atrás o historiador Afonso Silvestre.

[ENTREVISTA - CIDA]

Tinha algumas pessoas que a gente enfrentou problemas mesmo, que eles diziam: “como assim quilombola? negros? nós não somos!!” E pessoas que, retintas na realidade. Mas só que de tanto viver os estereótipos, né? Os preconceitos, as pessoas não queriam se autorreconhecer. Uma menoria, mas aconteceu isso. Aí a partir da pesquisa, de várias reuniões foi que começou-se a compreender o porquê de ser quilombola, o que era ser remanescente de quilombo... A gente dizia, “não é que você é quilombola, você é apenas uma remanescente que quer dizer muito, né?” Aí a madrinha Lóra falava: “é gente o tanto que a gente sofreu trabalhando para os fazendeiros”... Era trabalho escravo mesmo, né? Que não tinha hora de se... alimentação, muitas vezes não tinha nem o que comer, que ela conta, que ela ficou com filhos pequenos, que o marido morreu... de seis, cinco anos, tudo pequenininho. E ela tinha que trabalhar pra poder criar. A minha vó também que é irmã dela, minha bisa é irmã dela, ficou na mesma situação com um monte de criança e elas contavam que... é... e a forma que elas iam contando a gente identificava que era trabalho escravo, né? E que elas já tinham sido escravizadas saindo da Laje do Gavião e continuava sendo aqui na... na comunidade também.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Para os moradores de Lagoa dos Patos, foi o processo de certificação que mostrou à comunidade que suas origens estão diretamente ligadas a um passado de resistência e luta contra a escravização em Vitória da Conquista. E para Cida, particularmente, foi ao compreender esse passado que ela passou também a entender o que significa ser quilombola.

[ENTREVISTA - CIDA]

Hoje pra, pra mim, ser quilombola é você... acreditar e reconhecer tudo que foi feito lá atrás pelos nossos, todas as pessoas que morreram, que foram sacrificadas né nos quilombos, nas fazendas como a minha madrinha contava, todas as pessoa que não tiveram a oportunidade que nós temos, né. Hoje quando a gente chega na universidade, ou em qualquer outro lugar, os nossos jovens eles... pelo menos os daqui, né, e acredito que de outras comunidades, eles têm coragem de dizer: “eu sou da comunidade Lagoa dos Patos, que é uma comunidade remanescente de quilombo. Eu sou um quilombola”. Então, eles não tem mais vergonha de baixar a cabeça, né? E de não acreditar que eles podem, que eles têm um lugar de voz, que eles tem um lugar dentro da comuni... dentro da comunidade, dentro do... em qualquer lugar que eles forem. O lugar deles está lá, que precisa ser ocupado. Hoje o quilombola, ele... ele tem essa visão: “eu posso, e eu quero, e eu vou não só por mim, eu vou por todas essas pessoas que ficaram pra trás, que não puderam ser reconhecidas”.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Depois do reconhecimento, a luta agora, ainda de acordo com Cida, é pela garantia constitucional que continua sendo negada a milhares de quilombos do país, incluindo Lagoa dos Patos: a posse da terra. No Brasil, o principal órgão responsável pela regularização fundiária de territórios quilombolas é o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. A etapa seguinte à certificação de um quilombo é justamente a abertura de um processo junto ao Incra. Os passos para obter a posse definitiva da terra incluem a elaboração de um Relatório Técnico de Identificação e Delimitação, a publicação desse relatório, a homologação pelo governo, a desapropriação e, por fim, a titulação. Mas o que aqui eu falei em segundos, na prática, dura vários anos.

[ENTREVISTA - CIDA]

E hoje a gente ainda enfrenta muito problema com isso, né? Que agora a gente precisa do INCRA e é muito burocrático isso. Por exemplo, a comunidade de Marinaldo que é a comunidade de Velame, foi a primeira comunidade que deu entrada no INCRA e até hoje não conseguiu. Então é burocrático. E pra completar a partir de 2012 parou, e só agora a gente tá retornando. Espero que dê continuidade, que a gente tenha subsídios pra continuar e ter a titulação. Porque as comunidades quilombolas... os quilombolas não tem terra. Então, eles trabalham em terra de mee... como meeiros. Aqui, por exemplo, é assim, é a realidade da maioria. Os fazendeiros... a gente vive aqui ao redor. Aí meu primo costuma dizer: “nós só temos a lagoa”. E a lagoa não tá tendo nem água mais pra gente plantar arroz. Então, se não vier a titulação do Incra, vai chegar um momento que a gente vai sendo engolido aqui na comunidade.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Das comunidades certificadas como quilombos em Vitória da Conquista, o Velame foi uma das que obteve, até então, o relatório técnico de identificação e demarcação, isso entre 2008 e 2009. Mais de dez anos depois, o processo de titulação continua em curso. E de lá pra cá o município ainda deixou de acompanhar os trâmites legais, que passaram a ser feitos diretamente entre o Incra e as associações que representam as comunidades quilombolas. Segundo o engenheiro agrônomo Marinaldo Carvalho, o decreto de desapropriação das terras do Velame já foi até publicado. Porém, falta o recurso necessário para indenizar os fazendeiros que se apossaram de boa parte do território.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

E como se não bastasse toda essa demora para titulação de terras quilombolas, o próprio processo de certificação de novas comunidades, que é menos demorado,

também foi interrompido em Conquista a partir de 2012, mesmo ainda havendo demandas por reconhecimento no âmbito municipal. Em todo o país, a quantidade de certificações emitidas pela Fundação Palmares após aquele ano variou entre 2013 e 2018, quando mais de 960 quilombos foram reconhecidos. Mas a partir de 2019, sob a gestão do governo Bolsonaro, esse número despencou. No seu primeiro ano de mandato, apenas 70 comunidades foram certificadas. Em 2020, foram 29. E demonstrando que tudo pode piorar, em 2021, ocorreram somente 19 certificações. Foram os três piores anos da série histórica iniciada em 2004 com o Programa Brasil Quilombola. A queda em comparação aos três anos anteriores foi de 75%, segundo levantamento do jornal Metrôpoles.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Aqui no Sudoeste Baiano, apenas uma comunidade, localizada em Barra do Choça, foi certificada durante todo o período do governo Bolsonaro, de acordo com Marinaldo. Para o agrônomo, isso é um reflexo direto do sucateamento do qual a Fundação Palmares foi alvo durante o mandato do ex-presidente de extrema direita. Em Vitória da Conquista, especificamente, a certificação quilombola só foi retomada em 2022, com a comunidade de Vó Dôla, após um hiato de dez anos sem que novas certidões de reconhecimento fossem emitidas para quilombos do município. O historiador Afonso Silvestre acredita que a paralisação das certificações ocorreu também porque isso simplesmente deixou de ser uma prioridade inclusive para o governo municipal, já que antes a Prefeitura atuava mais diretamente nesse processo.

[ENTREVISTA - AFONSO SILVESTRE]

Durante esses dez anos, né, entre 2012 e 2022, o contato da municipalidade... da administração, né, da gestão, do governo com os quilombos, ele foi, basicamente, é... oferta de assistência. Foi assistencial. Água, cesta básica... Então, é... desatualizaram-se todos os bancos de dados, né? Porque eles não tiveram continuidade. Eles têm que ser constantemente alimentados... Então, houve é... é... essa falha, o município falhou. Porém, agora ele retoma, né?

[LOCUÇÃO - AFONSO]

A retomada desse processo é importante sobretudo porque além de reconhecer formalmente um território como remanescente de quilombo e ser o primeiro passo para a regularização fundiária de uma comunidade, a certificação também é uma porta de entrada fundamental para o acesso dessa população a políticas públicas.

[ENTREVISTA - AFONSO SILVESTRE]

Em 2008, 2007-2008, nós fizemos uma estimativa de uma população quilombola de cerca de 8 mil pessoas. É... Hoje, são 12 mil pessoas, né? 3 mil famílias mais ou menos. Então eh essa essas populações existem, né? Elas precisam é... continuar sendo assistidas, porque a distância da zona rural pra cidade ela é muito maior do que a... a geográfica. É... Essas pessoas elas não tem como vir. É preciso que o poder público vá até elas. E é preciso que uma vez indo até elas, o poder público saiba como atuar de maneira sustentável. É... ou seja, tenha uma boa escuta, né? Saiba ouvir essas comunidades pra acertar nas políticas, né? Que devem ser planejadas, tem que ser pensadas. É... Ainda nós não temos uma política ideal, mas eu acredito que com o tempo e com a experiência, a cidade ela vai... vai exigir isso de si própria, os próprios quilombolas estão instrumentalizados e entendendo melhor, né? Então eles vão... eles começam a exigir mais. O que me preocupa é algo que é bem recorrente na história de Vitória da Conquista, são coisas que se iniciam, param e existe um um hiato imenso de tempo entre a parada e a retomada, né? Então é... E quando isso diz respeito à população rural, o prejuízo é muito maior porque o tempo, né, e a distância, eles... eles são muito prejudiciais aos afetos. E não dá pra fazer esse tipo de... de política sem afetividade. Sem se, se afetar, eu digo afetar-se, num... num bom sentido, num sentido de, permitir-se é... perceber as coisas como eles percebem, né? Chegar um pouco... com um pouco de... de humildade, mais disposto a... a observar, e escutar do que dizer, né? Do que falar. Porque eles, eles é que têm muito o que dizer.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

E pode acreditar, o povo quilombola de Conquista tem muito a dizer.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Tem muito a dizer sobre os impactos que suas comunidades sofrem quando uma escola é fechada.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Tem muito a dizer sobre o atendimento precário que os quilombos têm recebido na área da saúde.

[LOCUÇÃO - KARINA]

Tem muito a dizer sobre o fato de conviverem ora com os estragos causados por enchentes, ora com a dor causada pela falta d'água.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

Tem muito a dizer sobre a necessidade de terem sua fé, suas tradições e seus costumes ancestrais preservados.

[LOCUÇÃO - KARINA]

E pra cada coisa dessa que os quilombolas de Conquista têm a dizer, dedicaremos um episódio até o fim desta série.

[LOCUÇÃO - AFONSO]

É preciso entender que o Estado tem uma dívida histórica com essa população. E se é uma identidade étnica e política que vai garantir o acesso das comunidades negras rurais e urbanas às políticas de reparação, é preciso sim gritar: NENHUM QUILOMBO A MENOS, por mais que tentem destruir ou invalidar sua existência.

[TRILHA - MÚSICA 'NENHUM QUILOMBO A MENOS']

[LOCUÇÃO - AFONSO E KARINA]

AFONSO: Meu nome é Afonso Ribas, essa linda música que você está ouvindo é do grupo Realidade Negra e foi produzida em parceria com o Boemia do Samba e Rapha Fellove para a campanha “O Brasil é Quilombola - Nenhum Quilombo a Menos”, encabeçada pela Coordenação Nacional de Quilombos, a Conaq. **KARINA:** Eu sou Karina Costa e você acabou de ouvir mais um episódio do Fatos & Vozes, podcast original do Conquista Repórter, site de jornalismo independente de Vitória da Conquista. **AFONSO:** Para a realização da série “Conquista de Quilombos”, contamos com o apoio do Centro Internacional para Jornalistas, do Meta Journalism Project e da Associação de Jornalismo Digital. Além da pesquisa, produção e roteiro, faço a apresentação deste podcast ao lado de minha amiga Karina. **KARINA:** Na apuração, quem esteve conosco foi Victória Lôbo, que também é responsável pela direção criativa e locuções adicionais do Fatos & Vozes. A edição e sonorização ficam por conta de Anderson Rosa. A identidade visual e o design das nossas capas são de Caren Vieira e a trilha sonora original é do Gabriel Falcão. **AFONSO:** As transcrições de entrevistas foram feitas por Pedro Henrique Ferraz, Talyta Brito e Leonel Brito. Neste episódio, você ouviu áudios da Conaq, do G1 Bahia, da Cultne.TV e da Band News. **KARINA:** Se você gosta do nosso trabalho, nos ajude divulgando ele por aí. Compartilhe o podcast com seus amigos, nas redes sociais, dá 5 estrelas, tudo isso já nos fortalece e muito. E se possível, assine a nossa campanha de financiamento coletivo em catarse.me/conquistareporter. Seu apoio faz toda a diferença! Até o próximo episódio! **AFONSO:** Até mais!